

APRESENTAÇÃO

Visando a homenagear o grande escritor italiano Luigi Pirandello, cujos 150 anos do nascimento foram comemorados em 2017, o dossiê do presente número da nossa revista traz três artigos inéditos sobre a obra do ilustre autor siciliano. No primeiro deles, transcrevemos a arguição feita por Alfredo Bosi, indiscutivelmente um dos maiores críticos literários brasileiros, à dissertação de mestrado “O mal de viver na poesia de Pirandello”, apresentada em maio de 2016 na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara, sobre a poesia pirandelliana. Nossos leitores poderão verificar a esclarecedora análise que Bosi elabora a respeito dos quase desconhecidos versos do autor de “Il fu Mattia Pascal”, “Uno, nessuno e centomila”, “Sei personaggi in cerca d’autore” e de tantas outras obras que marcaram época e constituíram verdadeiros divisores de águas tanto na literatura italiana como na literatura europeia em geral.

Em sua arguição, Bosi ressalta aspectos importantes da citada dissertação que buscam demonstrar a construção do “mal de viver” já nas primeiras poesias pirandellianas, inserindo-se plenamente no itinerário do desenvolvimento da visão de mundo do autor, com o conseqüente relativismo e com a descoberta do embate entre a forma e o fluxo da vida que constantemente a destrói. Bosi lembra também a concepção leopardiana da natureza, presente inclusive no delírio do personagem Brás Cubas, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

De todas as excelentes observações de Alfredo Bosi, vale destacar a análise do papel que a natureza assume nos últimos contos e romances pirandellianos, isto é, da fase normalmente chamada pelos críticos de “surreal”. Referindo-se ao cognominado “terzo stile” (“terceiro estilo”) de Pirandello, ele observa que a natureza passa a assumir nesse período de conclusão do fértil itinerário poético do autor siciliano um caráter consolatório para as personagens, que nela desejariam sublimar-se para fugirem da opressão do fluxo vital, que elimina gradualmente a forma, e da submissão às máscaras sociais.

A propósito de Machado de Assis e Pirandello, impressiona a quantidade de pontos de coincidência entre os contos e romances maduros de ambos. Embora Machado de Assis tenha nascido em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro, e Pirandello em 28 de junho de 1867, em Agrigento, na Sicília, pertencendo, portanto, a gerações diferentes, ambos possuíam várias características em comum. Pode-se dizer, aliás, que os personagens machadianos conheceram um desenvolvimento lógico (e radical) nos personagens pirandellianos. Machado nunca conheceu Pirandello, assim como Pirandello nunca conheceu Fernando Pessoa, mas é como se tivessem estabelecido um profícuo diálogo, no qual procuraram escarafunchar a condição humana, levando ao limite máximo a dessacralização das últimas ilusões românticas e das incipientes ilusões cientificistas, respectivamente, das últimas décadas do século XIX e do primeiro quartel do século XX.

Assim, por exemplo, o personagem machadiano Jacobina, o alferes de *O Espelho*, constata que a sua existência está contida inteiramente na farda, peça do vestuário que lhe atribuíram no grande teatro social, enquanto o pirandelliano Vitangelo Moscarda,

protagonista do romance *Uno, nessuno e centomila*, leva às últimas consequências a sua rebeldia contra a opressão exercida pelo inferno das máscaras que somos obrigados a vestir.

Em *O Alienista*, o rigor científico e a conseqüente catalogação das atitudes humanas leva à desumanização e à derrocada final do protagonista, vítima da sua própria obsessão científica. No romance *Quaderni di Serafino Gubbio operatore*, o protagonista Serafino é reduzido à condição de uma mão que gira a manivela de uma filmadora, nos primórdios do cinema mudo. Ambas as personagens representam a desconfiança destes dois grandes escritores com relação ao progresso científico-tecnológico. Em Pirandello, as máscaras e os medalhões machadianos passam por um processo de contestação que leva inevitavelmente as personagens a uma profunda consciência de que não há nada que possa explicar o ser humano, isto é, a um avesso do pensamento filosófico tradicional.

Ainda em *O alienista*, o cientificismo do final do século XIX é submetido à fina e implacável ironia machadiana. Ao desolado protagonista, no desfecho do conto, resta constatar que quem pretende enquadrar e “consertar” as estranhezas dos seres humanos é tão ou mais louco do que os supostos alienados que devem ser retirados do convívio social. Algo semelhante ocorre com os anti-heróis pirandellianos, arautos da antifilosofia, rapidamente tachados, ao longo do desenvolvimento da trama de muitos contos e romances, de estranhos e de loucos pelo senso comum, o que os leva à inevitável queda na marginalidade ou ao “convite” para que saiam de cena do grande teatro social.

Essencialmente grande contista, cronista e romancista, Machado encontrou na narrativa o seu gênero adequado, buscando inserir-se na tradição do romance luso, mas de maneira original, empregando uma língua essencialmente “brasileira”, sem que para isso tenha sentido a necessidade de barroquismos ou de outros artifícios meramente formais. Pirandello começou poeta, mas logo chegou ao seu porto inicialmente na prosa (contos e romances) e, sobretudo, no teatro. Distanciou-se da tradição “verista” (realista) de seu conterrâneo Giovanni Verga, não encontrando no dialeto ou na imitação da sintaxe dialetal o seu modo de escrever em italiano. Embora cá e lá se encontrem expressões dialetais em seus contos e romances, além de uma peça teatral escrita em duas versões (italiano e siciliano), ele preferiu direcionar o foco da leitura não para os aspectos formais linguísticos, muitas vezes provincianos, e sim para a análise impiedosa da condição humana, empregando um italiano “médio”, “toscano”, adequado ao contexto social em que se movem os seus personagens, isto é, quase sempre urbano e da média burguesia.

Há muitos outros pontos de convergência entre os universos dos dois escritores. No entanto, basta apenas mais um para que se tenha uma ideia precisa da grandeza e da riqueza de ambos: Machado e Pirandello observaram ironicamente ou “humoristicamente” os pobres seres vivos dotados de razão, aparentemente um inútil “acréscimo” à condição de criaturas com instintos de sobrevivência, como tantos outros animais. Este “supérfluo”, na denominação de Pirandello, já aparece em Machado, mas não é mencionado explicitamente, pois o escritor carioca esmiúça a condição humana sem imaginar uma possível, e inútil, rebeldia, tanto contra a opressão das máscaras quanto contra a inevitável morte sem esperanças de redenção no além-túmulo.

No escritor siciliano, como se verifica na obra-prima teatral “Seis personagens à procura de um autor”, a rebeldia chega até a se voltar contra o próprio escritor-criador

que insiste em não dar a forma definitiva a personagens apenas esboçados. Na condição de personagens dramáticos rejeitados, eles inutilmente se revoltam, buscando desesperadamente, entre atores e diretores “vulgares”, adeptos de uma concepção teatral “antiga”, um autor que possa ao menos fixar as suas misérias no plano da criação artística, superando a infalível condição humana que paulatinamente mata a forma provisória com que fomos criados até à destruição final.

No que diz respeito à visão política manifestada em crônicas e ensaios ou intermediada pela construção das personagens, ambos foram conservadores, mas cada um a seu modo, tendo em vista também as diferentes situações sociopolíticas do Brasil e da Itália no final do século XIX e início do XX. Machado manifestava claramente certo repúdio à nova ordem republicana, enquanto Pirandello, demonstrando uma típica posição “meridionalista”, desconfiava dos rumos tomados pelo processo de unificação da Itália e, sobretudo, da democracia contaminada pelos inúmeros escândalos de corrupção no final do *Ottocento* e início do *Novecento*.

Com relação ao tão prolapado “fascismo” de Pirandello, que consistiu simplesmente numa carta endereçada a Mussolini em que declarava sua adesão ao PNF (*Partito Nazionale Fascista*), deve-se interpretá-lo tão somente como uma adesão “burocrática” ao partido dominante, devida muito mais à descrença na democracia corrupta e na tentativa de se livrar do assédio da ditadura.

Ao contrário de D’Annunzio, por exemplo, Pirandello nunca fez a apologia da ideologia fascista em seus escritos. Apesar de tudo, uma parte da crítica italiana do pós-guerra, de tendência marxista, enxergou em certas passagens de romances como, por exemplo, *Il fu Mattia Pascal* (publicado muito antes do surgimento do fascismo na Itália), a defesa de governos centralizados e ditatoriais. Parece-me, porém, uma visão equivocada, pois tais passagens como, por exemplo, aquela na qual o narrador-protagonista Mattia Pascal diz a um bêbado encontrado por acaso em uma rua de Roma que “a verdadeira desgraça é a democracia” refletem apenas, mais uma vez, a descrença numa forma de governo corrupto em que se dá ao povo a ilusão de que todos podem comandar, quando, na verdade, o poder é exercido por poucos. De resto, a visão de mundo pirandelliana não acredita em nenhuma forma de liberdade para o ser humano, a não ser, claro, na já citada sublimação na natureza da última fase. Para ele, portanto, a liberdade política democrática insere-se no conjunto de ilusões que perpetuamente assolam os seres humanos.

Pirandello e Machado, enfim, continuam extraordinariamente atuais, à medida que advertem os seus leitores para que abram os olhos e enxerguem as contínuas ilusões que se apresentam, sob tantas formas apenas aparentemente diversas, em todos os períodos históricos, tanto em ideologias como em crenças religiosas, sempre prometendo soluções “fáceis” para problemas que necessariamente não têm solução. Pirandello, mais do que Machado, acredita na criação artística como a única “vantagem” que possuiríamos em relação aos outros seres vivos, mas tristemente constata que o nosso “autor” ou não existe ou não se manifesta, mostrando-se surdo aos nossos vãos protestos.

Dando seqüência ao breve, mas denso, dossiê, encontram-se os artigos de Fabiano Dalla Bona e de Maria Célia Martirani. O primeiro articulista destaca a representação da paisagem da Sicília e, particularmente de Agrigento, terra natal de Pirandello, na narrativa

do grande escritor. Entre tantas outras considerações importantes sobre o uso da paisagem pelo autor, Dalla Bona procura mostrar como os elementos da natureza frequentemente servem de consolo para as personagens, constantemente atormentadas pela opressão das máscaras sociais. De certa forma, o articulista retoma a observação de Bosi a que nos referimos no início, ressaltando que ela já aparece em contos e romances anteriores ao “terzo stile”, mas apenas como passageiro “conforto”, e não como possibilidade de fuga definitiva.

O ensaio de Maria Célia elabora uma análise minuciosa do último romance de Pirandello: *Uno, nessuno, centomila* (*Um, nenhum, cem mil*). Neste estudo destaca-se o papel das personagens femininas pirandellianas que, com muita frequência, desencadeiam o processo de questionamento das personagens masculinas, levando-as a uma espécie de distanciamento da própria vida.

Na seção livre, a literatura italiana do *Novecento* também encontra espaço, desta vez com a densa análise do romance de Italo Calvino *Se un viaggiatore una notte d'inverno* (*Se um viajante uma noite de inverno*) feita pela articulista Andreia Riconi. No artigo seguinte, Ana Alice da Silva Pereira investiga os aspectos teóricos da ficção científica, demonstrando que este gênero literário pode ir muito além do mero entretenimento, à medida que aborda, por exemplo, em obras como *1984*, de George Orwell, a complexidade das relações humanas.

Em seguida, Karina Kurz analisa o conto “The man in the black suit” do escritor norte-americano Stephen King, ressaltando principalmente a construção de estereótipos e o discurso relacionado à “polidez”. O artigo procura demonstrar, enfim, a importância dos textos literários para o ensino das línguas estrangeiras, no caso, o inglês.

Utilizando conceitos do filósofo Heidegger, Elvira Livonete analisa o livro de poesias “Ave, Palavra”, de Guimarães Rosa. A partir dos conceitos do famoso filósofo alemão, a articulista observa a potência e a expressividade da palavra nos versos do escritor mineiro. O ensaio investiga também as formas de composição das obras de Guimarães Rosa e o seu complexo universo metafísico.

Ao insólito presente no conto “O pirotécnico Zacarias”, de Murilo Rubião, e à sua reconstrução audiovisual dedica-se o artigo de Elisabeth Alfeld. Discorrendo sobre as características da narratividade visual, a articulista procura esmiuçar todo o processo de adaptação e as modificações que se fizeram necessárias na reelaboração do eixo dramático da obra do escritor mineiro.

O artigo de Benilton Lobato Cruz aborda a crônica publicada por Monteiro Lobato no jornal “Estado de São Paulo”, em dezembro de 1917, no qual o ilustre escritor paulista se refere à exposição da pintora Anita Malfatti. O articulista destaca as polêmicas entre Lobato e os modernistas, defendendo a tese de que, na verdade, havia um ponto em comum entre as duas vertentes, isto é, uma atitude de defesa dos valores nacionais, embora os caminhos percorridos para atingir tal postura fossem diferentes.

O ensaio de Patrícia Péndola analisa o romance *A viagem do Elefante*, de José Saramago, ressaltando a releitura que o escritor português fez de um evento histórico menor que relacionou duas culturas diferentes, isto é, a de Portugal e a da Áustria. Patrícia destaca ainda o uso constante da metalinguagem (ou metadiscursos) e a paródia do

catolicismo e da fé cristã na obra de Saramago. O ensaio mostra também que Saramago não busca apenas ficcionalizar a partir de eventos históricos, mas também quer representar a dominação cultural e econômica promovida por impérios coloniais, sempre dispostos a impor a própria religião e os próprios costumes a outros povos.

No último artigo, Roberto Angel investiga as características da vanguarda literária do escritor chileno Juan Emar, destacando a enorme variedade de materiais e de hibridismos presentes, por exemplo, nos diários de juventude do autor. O articulista dedica-se também ao estudo narratológico nas obras de Juan Emar, procurando demonstrar que o autor chileno questionava abertamente a unicidade do ponto de vista do narrador.

Gostaríamos, enfim, de agradecer a todos os articulistas, sobretudo aos que permitiram a homenagem ao grande e complexo escritor Luigi Pirandello no breve “Dossiê”. Agradecemos também aos ensaístas que, com os seus trabalhos, permitiram uma “Seção Livre” bastante densa e com vários temas que se referem a diversos gêneros literários. Um agradecimento especial também ao professor Alfredo Bosi que permitiu a transcrição da sua arguição e também aos pareceristas que, com as suas observações e conselhos, enriqueceram o presente volume.

Julgamos, assim, ter obtido um conjunto expressivo de ensaios densos e instigantes, Esperando que alcancem muitos leitores, especialistas ou não, acadêmicos ou não, uma vez que os grandes temas da literatura interessam a um público bastante vasto, acreditamos ter dado uma contribuição válida para a difusão de obras e autores, consagrados ou não, do interesse de todos que realmente apreciam a boa literatura.

Nosso agradecimento ainda a Tânia Zambini, pela normalização da revista, e aos funcionários do Laboratório Editorial da FCL da UNESP de Araraquara, sem os quais não teria sido possível elaborar o presente volume.

Araraquara, abril de 2018.
Os editores